

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CF ULYSSES AUGUSTO MAGALHÃES DANTAS ITAPICURU

AS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS DA IMIGRAÇÃO TURCA PARA A ALEMANHA:
os efeitos da geopolítica cultural.

Rio de Janeiro
2018

CF ULYSSES AUGUSTO MAGALHÃES DANTAS ITAPICURU

AS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS DA IMIGRAÇÃO TURCA PARA A ALEMANHA:
os efeitos da geopolítica cultural.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Marcos Valle Machado da Silva

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2018

AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir a vida, a saúde e a oportunidade de realizar meu trabalho e cumprir minha missão.

Aos meus pais, Lysias Dantas Itapicuru e Nely Magalhães Dantas Itapicuru pela minha formação moral e intelectual. A minha amada esposa Taisa, por me ajudar a conduzir nosso lar e educar nossos filhos, Giovanna e Ryan, me dando paz de espírito para que eu pudesse seguir adiante na conclusão desse trabalho.

Ao Capitão de Fragata (RM1) Marcos Valle Machado da Silva, meu ex-Comandante e orientador, pela motivação acadêmica e pelos precisos ensinamentos e oportunos conselhos ao longo da minha carreira e na jornada de dedicação a esta pesquisa.

Ao Capitão de Fragata (RM1) Ohara Barbosa Nagashima pela incansável dedicação aos Oficiais-Alunos do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores e pelo esmero na orientação metodológica.

RESUMO

O objetivo da pesquisa é analisar o processo de aculturação dos imigrantes turcos, conduzido pelo governo alemão e as consequências políticas decorrentes desse processo, ainda, verificar se as respectivas consequências estão coerentes com a teoria do Choque de Civilizações. A relevância do tema reside na oportunidade de contribuir para o conhecimento das políticas migratórias adotadas pelos Estados, os quais faceiam o desafio de processos migratórios nos quais envolvem diferenças culturais, entre os imigrantes mulçumanos e a sociedade anfitriã de cultura ocidental, bem como as consequências políticas decorrente desse processo. Para alcançar esse objetivo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental, adotando-se a metodologia de confronto da realidade com a teoria, com foco no processo de aculturação conduzido pelo governo alemão entre os anos de 1950 e 2016. O trabalho apoiou-se em dois corolários de Samuel Huntington, os quais estão inseridos dentro da teoria do Choque de Civilizações na qual o autor apontou que uma nova divisão política mundial estaria emergindo no mundo pós-Guerra-Fria, na qual as distinções mais importantes entre os povos são culturais e que nesse novo mundo, a política local seria a política da etnia e a política mundial seria a política das civilizações. Após comparar os corolários propostos por Huntington com as consequências políticas decorrentes do processo de aculturação conduzido pelo Estado alemão frente a imigração turca foi concluído que o processo de aculturação não teve êxito. Ainda, foi evidenciado que os imigrantes turcos repudiam os valores ocidentais alemães e não tem intenção em se integrar, decorrente disso, vivem limitados em suas comunidades, assentadas dentro do Estado alemão, de forma paralela à sociedade anfitriã e sob influência política dos Estados árabe mulçumanos, mais contundentemente a Turquia. Nesse contexto, a pesquisa realizada confirma os corolários da Teoria do Choque de Civilizações propostos por Huntington.

Palavras-chave: Choque de Civilizações. Cultura islâmica. Imigração turca na Alemanha.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A TEORIA DO CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES	9
2.1 A teoria	9
2.2 Correlação da teoria com o objeto de pesquisa e descrição do método de pesquisa ..	10
3 A CULTURA ISLÂMICA	12
3.1 A constituição da cultura religiosa islâmica	12
3.1.1 O fundamentalismo religioso – cultura islâmica	13
3.1.2 O movimento de ressurgimento islâmico	15
3.1.3 O fundamentalismo islâmico, geopolítica e islamização	16
3.1.4 A imposição do idioma árabe	20
3.1.5 A formação de comunidades islâmicas	22
3.2 A cultura islâmica turca	22
3.3 Conclusões parciais	25
4 O GOVERNO ALEMÃO E AS IMIGRAÇÕES TURCAS	27
4.1 O diálogo euro-árabe	27
4.2 Origem das imigrações turcas	29
4.2.1 Condições quanto ao idioma	31
4.2.2 A formação dos guetos e a islamização	33
4.2.3 A influência fundamentalista	35
4.2.4 O multiculturalismo	36
4.2.5 Turquia X Alemanha - União Européia	37
4.3 Principais políticas de migração	38
4.3.1 Lei da Cidadania	38
4.3.2 Lei da Residência e Lei do Reconhecimento	40
4.4 Conclusões parciais	42
5 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Após o deslocamento populacional que ocorreu em toda a Europa durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Alemanha tornou-se um Estado atraente para os trabalhadores migrantes, desta vez do sul da Europa. A longa demanda do Estado alemão por trabalhadores estrangeiros, preenchida durante a guerra pelo trabalho forçado e, pouco depois, por cerca de 12 milhões de alemães étnicos, que foram expulsos de antigos territórios alemães, teve de ser satisfeita por meio de um novo canal.¹

Milhões dos chamados trabalhadores convidados (Gastarbeiter), na maioria trabalhadores não qualificados da Itália, Turquia, Espanha e Grécia, chegaram aos anos de boom econômico do Estado Alemão entre 1955 e o início dos anos 70. No caso dos imigrantes turcos, o perfil era de trabalhadores, com pouco nível de instrução, que vieram para trabalhar nas fábricas e construções, ajudando a reerguer a economia alemã, destroçada pela Segunda Guerra.²

Os imigrantes foram vistos pelo governo alemão como uma forma de preencher, em curto prazo, a demanda por trabalhadores. Pouco se pensou sobre os impactos, sociais, culturais e políticos, ao longo prazo dos recém-chegados e seus filhos.³

Nesse contexto, cabe questionar: de que forma o governo alemão conduziu, politicamente, o processo de aculturação⁴ dos imigrantes turcos? Quais as respectivas consequências políticas desse processo?

Para responder às questões enunciadas, foi realizado um estudo com o propósito de evidenciar a forma com que o governo alemão conduziu, politicamente, o processo de

¹MIGRATION POLICY INSTITUTE (MPI) –Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/new-reality-germany-adapts-its-role-major-migrant-magnet>. Acesso em 18/06/2018.

²DEUTSCHE WELLE (DW) – Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/a-saga-dos-turcos-na-alemanha/a-542993>. Acesso em 08/06/2018.

³ MPI – Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/new-reality-germany-adapts-its-role-major-migrant-magnet>. Acesso em 18/06/2018.

⁴ Aculturação –a definição clássica é um “fenômeno que resulta quando grupos de indivíduos, que têm culturas diferentes, entram em contínuo contato, com mudanças subsequentes nos padrões de cultura originais, de um ou ambos os grupos”. (REDFIELD, et al., 1936, p. 149). Segundo John W. Berry, “na prática, tende a induzir uma maior mudança em um dos grupos” (BERRY, et al. 1997, p. 294).

aculturação dos imigrantes turcos, entre os anos de 1950 até o ano de 2016, e as respectivas consequências políticas resultantes do processo.

A moldura temporal em pauta foi adotada em função dos eventos que se deram nos anos de 1950, quando se inicia as imigrações turcas para a Alemanha e 2016, quando é aprovada a Lei da Residência⁵ pelo governo alemão.

O argumento defendido nessa dissertação é de que não houve êxito no processo de aculturação dos imigrantes turcos, de cultura islâmica, pela sociedade alemã, de cultura ocidental.

Para a consecução do propósito e defesa do argumento supracitado, a dissertação se apoia em dois corolários da teoria do “Choque de Civilizações”, proposta por Samuel Huntington, e recursos bibliográficos sobre o tema. Esses suportes teóricos visam ajudar a análise do objeto de pesquisa; o processo de aculturação conduzido pelo governo alemão e as respectivas consequências políticas frente a imigração turca.

A dissertação está estruturada em cinco capítulos. O primeiro, a introdução que ora se apresenta. No capítulo dois é apresentada a construção teórica de Samuel Huntington e contextualizado o objeto de pesquisa, à luz da teoria proposta.

O capítulo três tem o propósito de explicar a constituição da cultura islâmica turca, sob o aspecto da possibilidade de aculturação pela cultura ocidental europeia⁶. O capítulo quatro expõe o processo de aculturação dos imigrantes turcos, conduzido pelo governo alemão, e as respectivas consequências políticas dele decorrentes.

O capítulo cinco é composto pelas considerações finais, momento em que é testada a hipótese formulada e verificados os pontos de aderência do objeto de pesquisa à teoria de apoio selecionada.

⁵A Lei da Residência será explicada mais amplamente no capítulo 4 desta dissertação. (Nota do Autor).

⁶Cultura Ocidental – “Historicamente, a civilização ocidental é a civilização europeia. Na era moderna, a civilização ocidental é a civilização euro-americano ou do Atlântico Norte” (HUNTINGTON, 1996, p. 53).

No que tange a se refletir, o estudo do processo de aculturação dos imigrantes turcos, conduzido pelo governo alemão, se torna especialmente elucidativo pelas diferenças culturais, religiosas e idiomáticas entre os imigrantes turcos e a sociedade alemã.

Quanto à relevância das consequências políticas, decorrente desse processo de aculturação, devem-se levar em conta a representatividade política da Alemanha na União Europeia, o fato dos turcos formarem a maior minoria étnica dentro do Estado em questão e, ao mesmo tempo, serem a segunda maior população turca do mundo, depois da Turquia (HORROCKS et. al, 1996).

Assim a pesquisa realizada se justifica como forma de contribuir para o conhecimento das características da cultura islâmica e de processos de imigração vivenciados por outros Estados, ajudando a fundamentar doutrinas voltadas para missões que possam interagir com Estados de cultura islâmica, como é o caso da Força Interina das Nações Unidas no Líbano(UNIFIL), assim como contribuindo na formulação de políticas migratórias nacionais.

2 A TEORIA DO CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES

Este capítulo tem por objetivo apresentar a teoria de apoio do estudo, assim como correlacioná-la com o objeto de pesquisa, qual seja o processo de aculturação dos imigrantes turcos, conduzido pelo governo alemão, e as respectivas consequências políticas, entre 1950 e 2016. Para atingir tal objetivo o capítulo está dividido em duas seções secundárias.

A primeira seção é dedicada à apresentação dos dois corolários da teoria de Samuel Huntington, nos quais o estudo se apoia. A segunda correlaciona o objeto de estudo com os corolários propostos pelo autor mantém, e descreve o método de pesquisa utilizado.

2.1. A TEORIA

Samuel Huntington foi diretor de Planejamento de Segurança Nacional do governo norte-americano quando do Presidente Carter (1977-1981). Por ocasião da conclusão de sua obra “*O Choque de Civilizações*”⁷, em 1996, Huntington era professor universitário da Universidade de Havard, onde foi Diretor do Instituto para Estudos Estratégicos Jonh M. Olin e Presidente da Academia de Harvard para Estudos Internacionais e de Área. (HUNTINGTON, 1996).

Na sua obra, Huntington (1996, p. 20-21) apontou uma nova divisão política mundial, no mundo pós-Guerra-Fria (1947-1989), na qual, segundo o autor, as distinções mais importantes entre os povos são culturais e que nesse novo mundo, “a política local seria a política da etnia e a política mundial seria a política das civilizações. A rivalidade das superpotências, durante a Guerra-Fria, é substituída pelo Choque de Civilizações”.

⁷Civilização – “... é a entidade cultural mais ampla (...) é definida por elementos objetivos comuns, tais como língua, história, religião, costumes, instituições e pela auto identificação subjetiva das pessoas. Em larga medida, as principais civilizações na história da humanidade se identificaram com as grandes religiões do mundo (...). As religiões não têm fronteiras definidas”.(HUNTINGTON, 1996, p. 47, 48 e 49).

Nesse contexto, o autor defende, entre outros, dois corolários que foram selecionados como suporte teórico desta dissertação. O primeiro corolário aponta que

Pela primeira vez na história, a política mundial é, ao mesmo tempo, multipolar e multicivilizacional. A modernização econômica e social não está produzindo nem uma civilização universal de qualquer modo significativo, nem a ocidentalização das sociedades não-ocidentais (HUNTINGTON, 1996, p. 19.).

Sob o ponto de vista desse corolário, Huntington explica que no final da década de 80, devido à queda do “mundo comunista”, o sistema político internacional bilateral, motivado pela Guerra Fria, teria mudado e que dentre os fatores que influenciaram esta mudança, seria que os valores ocidentais, além de não terem sido adotados pelas civilizações não-ocidentais, ainda estariam sendo repudiados por estas últimas. (HUNTINGTON, 1996, p. 21). Já o segundo corolário, afirma que

Uma nova ordem mundial baseada na civilização está emergindo – as sociedades que compartilham afinidades culturais cooperam umas com as outras, os esforços para transferir sociedades de uma civilização para outra não têm êxito e os países se agrupam em torno de Estados líderes ou núcleo de suas civilizações.⁸ (HUNTINGTON, 1996, p. 19).

Sobre o corolário anterior, o autor acrescenta que “em muitos países, inclusive no mundo desenvolvido, há movimentos regionais que estão promovendo uma autonomia substancial ou a secessão” e declara que

Os Estados continuarão a ser os atores mais importantes nos assuntos mundiais, porém seus interesses, associações e conflitos são cada vez mais moldados por fatores culturais e civilizacionais. (HUNTINGTON, 1996, p. 21).

2.2 CORRELAÇÃO DA TEORIA COM O OBJETO DE PESQUISA E DESCRIÇÃO DO MÉTODO DE PESQUISA

Apesar dos corolários de Huntington terem sido propostos com ênfase nas relações políticas entre Estados, o autor (1996, p.167) também afirma que o conceito de

⁸ Estado-membro – “Estado que está plenamente identificado culturalmente com uma civilização”. Estado-núcleo – “Considerado por seus membros como o lugar, ou lugares, onde, se encontram localizadas as fontes, ou a fonte principal, da respectiva cultura de determina civilização”. (HUNTINGTON, 1996, p.166 - 167).

civilizações “pode incluir pessoas que compartilham de uma determinada cultura, porém se encontram em Estados dominados por membros de outra civilização. ”

Dentro desse entendimento, que ilustra o caso específico das comunidades de imigrantes turcos, de cultura islâmica, localizadas dentro do Estado alemão, cuja sociedade é de cultura ocidental⁹, são utilizados os corolários, acima descritos, para dar o suporte teórico ao objeto de pesquisa formulado, qual seja: o estudo do processo de aculturação, conduzido pelo governo Alemão, em relação à imigração turca e as respectivas consequências políticas, entre os anos de 1950 e 2016, com o objetivo de verificar a hipótese formulada de que aculturação da sociedade turca, pela sociedade alemã, não teria tido êxito.

Para analisar o processo de aculturação dos imigrantes turcos, à luz dos corolários de Huntington, será empregado o método de pesquisa de confrontação da teoria com a realidade. A teoria já foi apresentada nesse capítulo e a realidade em lide é aquela decorrente de pesquisa bibliográfica em fontes primárias e secundárias sobre as circunstâncias iniciais da imigração turca para a Alemanha e de como o governo alemão conduziu este processo migratório, entre 1950 e 2016, bem como as consequências políticas decorrentes desse processo.

⁹Cultura Ocidental – “Historicamente, a civilização ocidental é a civilização europeia, na era moderna, a civilização ocidental é a civilização euro-americano ou do Atlântico Norte.” (HUNTINGTON, 1996, p. 53).

3 A CULTURA ISLÂMICA

Este capítulo tem por objetivo apontar e examinar as características da cultura islâmica turca sob o foco de seus principais aspectos que podem favorecer, ou não, processos de aculturação, tendo em vista os imigrantes turcos que se encontram na Alemanha. Para alcançar este objetivo este capítulo está dividido em três seções secundárias.

A primeira seção analisa as características básicas da cultura religiosa islâmica e do fundamentalismo religioso. A segunda seção tem como foco as circunstâncias da formação da cultura islâmica turca e busca evidenciar como o governo turco conduziu, politicamente, a resistência ao estabelecimento do fundamentalismo religioso por meio da reforma Kemalista.

Por fim, a terceira seção, composta por conclusões parciais, realça os principais eixos analíticos de resistência a aculturação identificados, os quais serão considerados, também, no estudo do processo de integração dos imigrantes turcos na Alemanha, a ser contemplado no próximo capítulo.

3.1 A CONSTITUIÇÃO DA CULTURA RELIGIOSA ISLÂMICA

A doutrina religiosa estabelecida pelo Alcorão¹⁰ é a base cultural para todas as sociedades de cultura Islâmica. O islamismo é a prática religiosa e o muçulmano é o indivíduo que professa e fê islâmica. A palavra “muçulmano” deriva do verbo "*silm*", no idioma árabe designando "aquele que se submete a vontade de Deus" e, portanto, nesse contexto, como será explicado, as demandas divinas vão além do simples credo (ALCORÃO, 2007).

A religião islâmica, por si só, demanda sensíveis mudanças, de ordem comportamental, individual e coletiva, as quais se refletem em diversos segmentos de uma sociedade na qual a cultura religiosa islâmica venha a se estabelecer, tais como: hábitos alimentares; celebrações festivas a serem observadas; tipo de vestimentas adequadas; períodos prolongados de prática de jejum coletivo; adequações do sistema bancário; matrimônio,

¹⁰Alcorão – Livro Sagrado do Islamismo, considerado pelos fiéis uma transliteração da palavra de Deus (Allah) revelada ao Profeta Mohammad pelo anjo Gabriel (Nota do Autor).

herança, direito penal, direito internacional, a prática de cinco orações diárias e outras mais que tornam a cultura religiosa islâmica tão singular, principalmente quando comparada com a cultura ocidental (ALCORÃO; 2010).

Na cultura religiosa islâmica o que se observa é que a fé do indivíduo e o comportamento social, decorrente de sua religião, são indissociáveis, pois a cultura religiosa abrange um modo de vida completo baseado em sua doutrina.

O que se pressupõe, em uma primeira análise, é que as levas de imigrantes, de cultura religiosa islâmica, que se estabelecerem em um Estado, cuja cultura seja diferente, teriam grande tendência de não alterarem seu comportamento social ditado por sua religião¹¹. Essa provável resistência, natural, à aculturação será tratada, doravante, como “Inércia Comportamental”.

Um exemplo de “Inércia Comportamental” se observa no caso da imigração turca para a Alemanha, no qual, as primeiras e segundas gerações de imigrantes, por serem mais conservadores e obedientes à orientação religiosa de não manter amizade com infiéis, tendem a se agrupar entre si, mais que qualquer outro imigrante de cultura não-islâmica, formando comunidades cada vez maiores (LAQUEUR, 2007).

3.1.1 O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO – CULTURA ISLÂMICA

A cultura religiosa islâmica faz algumas décadas, vem revestida de um viés político, conhecido como fundamentalismo. O termo “fundamentalismo” se refere a um determinado tipo de interpretação religiosa que procura seguir à risca os preceitos fundamentais e mais tradicionais de dada religião. O fundamentalismo islâmico, por sua vez, surgiu em oposição à influência modernizante e ocidentalizante, sendo absorvido por diversos países de cultura religiosa islâmica a partir do imperialismo europeu do século XIX, tomando, assim, a forma de resistência cultural (KALINA et al., 2009).

¹¹ É razoável assumir, no caso do imigrante mulçumano, que tenha nascido e crescido vivenciando a cultura islâmica, em seu Estado de origem, já tenha internalizado a cultura como um hábito diário (Nota do Autor).

Existem várias tendências desse fundamentalismo e, entre elas há algumas mais radicais que, no limite, pregam a luta armada para atingir seus objetivos. Mas, em geral, o fundamentalismo islâmico postula um retorno pacífico às origens religiosas do Islamismo e uma reforma dos costumes e da sociedade a partir da “*Sharia*”. (KALINA et al., 2009).

A *Sharia* é o compêndio de todas as resoluções deliberadas do fundamentalismo islâmico, visando ser empregada como a Lei do Estado. A *Sharia* é, literalmente, “o caminho traçado pela lei divina” (DEL VALLE, 2009, p.13). O conhecimento de como se constitui a *Sharia* é elucidativo para compreender a formação do fundamentalismo islâmico e, portanto, para a avaliação da tendência de aculturação da cultura religiosa islâmica. A Cultura Religiosa Islâmica revestida pelo viés político do fundamentalismo será tratada, doravante, como apenas “Cultura Islâmica”.

A teoria tradicional da jurisprudência islâmica reconhece quatro fontes de *Sharia*: o Alcorão; a *Sunnah* – que é o compêndio dos *Hadiths*¹²; o raciocínio analógico; e o consenso jurídico. O raciocínio analógico é o processo de analogia dedutiva em que os ensinamentos do Hadith são comparados e contrastados com os do Alcorão, a fim de aplicar uma injunção conhecida a uma nova circunstância ou criar uma nova injunção. (MODARRESI, 2016).

As orientações provenientes da *Sunnah* e do Alcorão são usadas como um meio de resolver ou fornecer uma resposta a um novo problema que possa surgir, originando assim a jurisprudência islâmica (ESPOSITO, et al., 2001). O consenso jurídico se refere ao senso comum ou acordo alcançado dos estudiosos muçulmanos, sejam eles juristas, acadêmicos ou leigos sobre questões religiosas, levando-se em conta a cultura local em que se encontram, basicamente (MODARRESI, 2016).

Como se pode observar, a adoção da *Sharia* traz um ordenamento político ao que antes era foro íntimo do indivíduo. Com a *Sharia*, a religião ganha força de lei, estabelecendo

¹²Hadiths – literalmente “ditos” – refere os fatos, palavras, as atitudes e mesmo o silêncio de Mohammed, o profeta do Islã, recolhidos sob a forma de relatos, cuja combinação constitui um “costume” ou uma tradição chamada de *Sunnah*. (DEL VALLE, 2009, p.11).

para a coletividade uma forma de se viver em sociedade, homogeneizando o pensamento e o comportamento dos indivíduos perante a cultura religiosa.

A concepção da *Sharia*, por meio do fundamentalismo islâmico, trouxe consigo uma “receita”, por assim dizer, de um modo de vida a ser estabelecido que pudesse ser amplamente difundido, principalmente entre as comunidades de imigrantes islâmicos. O analfabetismo facilita o estabelecimento da *Sharia* na sociedade em questão, visto que a falta da capacidade de procurar o conhecimento religioso pela leitura, torna mais fácil aceitar a religião na forma de lei imposta pela *Sharia*.

Para se ter uma referência da inclinação à adesão à *Sharia*, o resultado de um amplo estudo realizado pela Pew Research Center¹³, divulgada em 30 de abril de 2013, revelou que, na média, mais da metade dos muçulmanos, em 39 Estados de três continentes, não querem um modelo laico ocidental, mas sim a *Sharia* guiando suas vidas como lei oficial no Estado.

Em síntese, a *Sharia* “alavanca” o fator da religiosidade, por meio do fundamentalismo islâmico, ao nível de política de Estado, moldando o entendimento religioso para fins políticos. Assim a *Sharia* é uma base ideológica que dificulta a aculturação islâmica pelos valores ocidentais.

3.1.2 O MOVIMENTO DE RESSURGIMENTO ISLÂMICO

A partir dos anos 1970, observou-se um movimento islâmico maciço voltado para o islamismo como fonte de identidade, estabilidade, legitimidade, poder e esperança em todos os Estados, ao redor do mundo, de cultura islâmica. A nova visão do movimento trazia ao islamismo a personificação da aceitação da modernidade, a rejeição da cultura ocidental e o reengajamento da cultura islâmica como um guia cultural, religioso, social e político para a vida no mundo moderno. Segundo Huntington (1996, p.135), “o Ressurgimento afetou os

¹³PEW RESEARCH CENTER (PRC) – Disponível em: <http://www.pewforum.org/2013/04/30/the-worlds-muslims-religion-politics-society-exec/>– Acesso em 17 de maio de 2018.

mulçumanos em todos os países e a maioria dos aspectos da sociedade e da política na maioria dos países mulçumanos. ”

No movimento de Ressurgimento, a cultura islâmica, as políticas e as organizações islâmicas conquistaram um engajamento e apoio crescente por todo o mundo. O Ressurgimento desencadeou o fenômeno da “islamização”¹⁴, o qual foi promovido pelos movimentos fundamentalistas nos Estados de cultura islâmica, que tendia a ocorrer primeiro no âmbito cultural, depois se manifestava nas esferas sociais e políticas (HUNTINGTON, 1996).

Huntington (1996, p.137) apontou que “os fundamentalistas islâmicos dedicaram uma atenção especial tanto à abertura de Escolas Islâmicas quanto à expansão da influência islâmica nas escolas públicas. ” Observa-se o “*modus operandi*” do estabelecimento do fundamentalismo religioso nos Estados de cultura islâmica, a “receita” do processo de “islamização” da sociedade e depois do Estado, nesse último pela concepção da *Sharia*.

No Ressurgimento, o fundamentalismo religioso islâmico é uma componente, em uma revitalização muito mais extensa, das ideias do reengajamento do islamismo pelos mulçumanos ao redor do mundo, que se estende do Marrocos a Indonésia e da Nigéria ao Cazaquistão, envolvendo mais de um bilhão de mulçumanos. Os líderes intelectuais e políticos, dos Estados influenciados pelo Ressurgimento, ainda que não fossem a favor, se adaptavam ao movimento (HUNTINGTON, 1996).

3.1.3 O FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO, GEOPOLÍTICA E ISLAMIZAÇÃO

Com o Ressurgimento, os movimentos fundamentalistas islâmicos se propagam ao redor do mundo islâmico, não só influenciando os Estados mulçumanos, mas alcançando

¹⁴O termo “islamização”, baseado no entendimento de como as diversas fontes consultadas o empregaram, está associado à expansão da cultura islâmica pela Europa, seja pelas concessões europeias às práticas do islamismo em seus Estados, seja pela multiplicação de mulçumanos na Europa, decorrentes das altas taxas de natalidade nas comunidades de imigrantes islâmicos, ou pela retomada da cultura islâmica pelos mulçumanos pelo viés do fundamentalismo religioso (Nota do Autor).

as comunidades de imigrantes mulçumanos espalhadas na Europa, influenciando-as a se oporem à cultural ocidental.

Seguindo a “receita” de islamização, a exemplo do que foi feito nos Estados de cultura islâmica por ocasião do Ressurgimento, os movimentos fundamentalistas, reforçaram a resistência cultural das comunidades islâmicas, espalhadas na Europa, à aculturação local por meio do estabelecimento de organizações sociais de cultura islâmica, mesquitas e Escolas Islâmicas dentro dos Estados europeus onde se encontram as comunidades de imigrantes mulçumanos.

Depois de bem instituída a resistência cultural à aculturação, os movimentos fundamentalistas islâmicos passam a mobilizar, as comunidades de imigrantes de forma a influenciar as decisões políticas domésticas e internacionais dos Estados europeus, que abrigam tais comunidades, aos interesses políticos dos Estados de cultura islâmica¹⁵.

Esse processo de influência política, exercido por meio das estabelecidas comunidades islâmicas de imigrantes, entre Estados de cultura islâmica e Estados europeus, com a finalidade de impor uma política favorável aos anseios dos Estados de cultura islâmica tem aderência à definição de geopolítica proposta pelo General Meira Mattos¹⁶ (2002, p.13) o qual explicou geopolítica como sendo o “ramo do conhecimento relacionado ao valor prospectivo da interação da política, geografia e História”. Quanto a questão da aceitação da entrada da Turquia na Comunidade Europeia, estaria o Estado Alemão, principal influente da questão, sofrendo ações de uma geopolítica cultural resultante do processo migratório turco, por meio das comunidades Turcas-alemãs?

¹⁵Serão considerados Estados de cultura islâmica aqueles de orientação cultural mulçumana ou de maioria da população constituída de mulçumanos.

¹⁶Doutor em ciências políticas pela Universidade Mackenzie, com a tese *Geopolítica e Trópico* (1984). (Nota do Autor).

A percepção dessa influência política é apontada pela reflexão realizada pelo politólogo¹⁷ Alexandre Del Valle sobre o conceito de “Eurábia”, na qual o autor sintetiza o conceito como sendo

Uma atitude psicológica coletiva, própria dos povos que se submetem, por medo e por interesses econômicos, aos ditames do totalitarismo islâmico, que engloba, há um tempo, organizações internacionais (como a Organização da Conferência Islâmica, a Liga Islâmica Mundial, a Liga dos Estados Árabes, etc.), estados islâmicos e movimentos fundamentalistas com projetos de conquista planetária. (DEL VALLE, 2009, p.21)

Ainda, correlação a “Eurábia”, o conceito, segundo del Valle (2009) se caracterizaria “pelas atitudes e as opções geopolíticas dos dirigentes europeus, por medo do inimigo do amanhã, o islamismo, e pelos compromissos político-econômicos, que assumiram com os Estados de cultura islâmica fornecedores de petróleo e de mão de obra”. Dessa forma os dirigentes europeus, se comportam de modo a preservar a Europa de conflitos, por meio de uma política de auto submissão e de capitulação ao mundo de cultura islâmica.

Observa-se, ainda que de forma tácita, o conceito da “Eurábia” se manifestando por meio do discurso de Muammar Gaddafi¹⁸, realizado em 10 de abril de 2006, quando o líbio declarou: “*Nós temos 50 milhões de Muçumanos na Europa. Há sinais de que Allah nos garantirá a Vitória na Europa – sem precisar de espadas, armas, ou conquista – nós a tornaremos um continente muçumano dentro de poucas décadas*”.¹⁹ (AL JAZIRA. Discurso de Muammar Gaddafi. Nossa tradução. Versão em Inglês. Original árabe.).

Se por um lado o fundamentalismo islâmico provê uma maior resistência à aculturação dos imigrantes muçumanos, por outro, as consequências do conceito “Eurábia” concorreria para a interiorização dos valores islâmicos, pelas sociedades ocidentais europeias que abrigam os imigrantes muçumanos, resultando em um processo de “islamização”.

¹⁷ Conceito formulado pela historiadora anglo-egípcia BatYe’Or em sua obra “*Eurabia: The Euro-ArabAxis*”, 2005.

¹⁸ Muammar Mohammed Abu Minyar Gaddafi foi o líder da Líbia entre os anos de 1969-2011. (KYLE, Benjamin. Kadafi, Coleção: Os Grandes Líderes, São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1987, p. 7-8).

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WCGYKSEsYFM>, vídeo divulgado pela rede de televisão Al Jazeera. Acesso em 17 de maio de 2018.

A questão do medo, citada na explicação sobre o conceito de “Eurábia”, faz referência àquelas tendências mais radicais do fundamentalismo islâmico, as quais, como explicado anteriormente, podem recorrer à violência e, no limite, à realização de atentados terroristas visando atingir seus objetivos. Poderia o medo ser umas das vertentes geopolíticas do processo de islamização que estaria sendo explorada também nas relações políticas entre Estados de cultura islâmica e Estados europeus?

O que se observa é que as fronteiras dos Estados são permeáveis a entrada do fundamentalismo islâmico e não há como preservar as comunidades imigrantes de muçumanos, como no caso da Alemanha, da potencial influência fundamentalista. Por meio do fundamentalismo é possível mobilizar as comunidades islâmicas para os fins políticos dos Estados de cultura islâmica, se utilizando para tal, desde a pressão social até a intimidação, ainda que de forma tácita. O fundamentalismo seria, no caso da Cultura Islâmica, a “engrenagem” da afinidade cultural citada por Huntington.

É preciso notar também, que esta islamização esperada não se dará somente pelo processo definido pelo conceito da “Eurábia”. Apesar do cristianismo nos dias atuais possuir o maior número de seguidores declarados, no longo prazo, o islamismo está em vantagem. Considera-se a princípio que o cristianismo se difunde pela conversão, o islamismo pela conversão e pela reprodução.

Em pesquisa de análise demográfica pela Pew Research Center²⁰, divulgada em abril de 2017, mostra que os cristãos continuaram sendo o maior grupo religioso do mundo em 2015, representando quase 31% da população total da Terra, com representação em torno de 2.3 bilhões de indivíduos. Mas, entre os cristãos na Europa, as mortes superaram os nascimentos em quase 6 milhões, entre 2010 e 2015. Só na Alemanha, estima-se que houve mais 1.4 milhões de mortes de cristãos do que nascimentos no mesmo período. Essa

²⁰PRC – Disponível em: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/05/christians-remain-worlds-largest-religious-group-but-they-are-declining-in-europe/>. Acesso em 11/07/2018.

diminuição natural na população cristã idosa da Europa foi única em comparação com os cristãos em outras partes do mundo e outros grupos religiosos.

Ainda, esta pesquisa apontou que globalmente, os muçulmanos formam o segundo maior grupo religioso, com 1.8 bilhão de pessoas, ou 24% da população mundial. Contudo, a projeção de crescimento, divulgada pela pesquisa, mostra que entre os anos de 2015 e 2060, a população cristã crescerá em 34%, alcançando o total de 3 bilhões de pessoas, enquanto a muçumana crescerá em 70%, ultrapassando a população cristã, alcançando 3.6 bilhões de pessoas.

Os muçulmanos, de acordo com a pesquisa, têm a maior taxa de fertilidade de qualquer grupo religioso. Tal vantagem de fertilidade é uma das razões pelas quais os muçulmanos devem alcançar os cristãos em número absoluto e como uma parcela da população global nas próximas décadas, contribuindo assim, também, para o processo de islamização.

3.1.4 A IMPOSIÇÃO DO IDIOMA ÁRABE

Uma demanda comum, em qualquer fundamentalismo islâmico, é a obrigação do aprendizado do idioma árabe pelos muçumanos. A origem dessa demanda vem da interpretação fundamentalista da surata (verso) do Alcorão: “Eis aqui os versículos do Livro lúcido. Revelamo-lo como um Alcorão árabe, para que raciocineis”(ALCORÃO, 2010, p.149).

A palavra Alcorão é o resultado do aportuguesamento do nome original no idioma árabe “Al Quran”, que significa “A recitação”. O Alcorão, segundo o credo islâmico, é uma compilação das revelações divinas, realizada em forma de poesia pelo Anjo Gabriel ao Profeta Mohhamed, no idioma árabe, sendo considerada uma obra prima da literatura e, portanto, tendo seu sentido pleno somente no idioma em foi revelado. (ALCORÃO, 2007).

Essa orientação religiosa gera uma oportunidade de influência que é explorada pelo fundamentalismo religioso. Nos Estados europeus, onde se estabeleceram as comunidades de imigrantes mulçumanos, diversas organizações e instituições, de cultura islâmica, têm agido em dois sentidos: dando suporte à criação de centros de estudos religiosos, os quais ensinam o idioma árabe; as Escolas Islâmicas (Madhhab)²¹; e, simultaneamente, pressionando os Estados europeus para que incluam o idioma árabe no sistema escolar nacional (DEL VALLE, 2009).

Onde se encaixaria o papel das ditas Escolas Islâmicas nesse processo de resistência à aculturação? As Escolas Islâmicas são os vetores de propagação do fundamentalismo religioso, verdadeiros “postos avançados” de doutrinação para as comunidades de imigrantes mulçumanos, dentro dos Estados que as abrigam.

A existência de um subterfúgio religioso para que se possa demandar o aprendizado do idioma árabe, estabelecendo o referido idioma como o comum a todos os mulçumanos, principalmente aos imigrantes espalhados pela Europa, associada aos modernos e acessíveis meios de mídia de comunicação em massa, configuraria um alinhamento eficiente para a disseminação do fundamentalismo islâmico.

Observa-se que a demanda pelo idioma árabe representa uma resistência a aculturação na medida em que, além de ser um vetor de disseminação do fundamentalismo religioso, também aumenta o poder de influência, em amplitude, para um maior número de comunidades mulçumanas que possuam o conhecimento do idioma. A padronização do idioma gera maior poder de mobilização ao redor de uma ideia que se queira disseminar e, portanto, também influencia no processo de “islamização”.

Para demonstrar o poder de mobilização por meio de um idioma comum, a rede de televisão mais importante do mundo árabe-mulçumano, a AL Jazira, transmite informações

²¹IQARA ISLAM – Disponível em <http://iqaraislam.com/como-escolher-uma-escola-de-jurisprudencia-madhhab-e-por-que/>. Acesso em 02 de junho de 2018.

e reportagens para o mundo inteiro, inclusive para as comunidades mulçumanas espalhadas pela Europa, somente nos idiomas inglês e árabe.²²

3.1.5 A FORMAÇÃO DE COMUNIDADES ISLÂMICAS

A formação de comunidades de imigrantes mulçumanos configura-se também como uma tendência da cultura religiosa islâmica. Ainda que outras comunidades de imigrantes, ao redor do mundo, tendam a se agrupar, esse fenômeno é, particularmente, forte entre os mulçumanos.

No caso da imigração turca, na Alemanha, nas primeiras e segundas gerações de imigrantes, portanto mais conservadores, são mais obedientes à orientação de não manter amizade com infiéis. Decorrente disso, tendem a se agrupar entre si. (LAQUEUR, 2007).

O historiador Walter Laqueur (2007) relata que os imigrantes mulçumanos recém-chegados nos países europeus pareciam tentar se estabelecer mais próximos aos seus companheiros de religião do que faziam os outros grupos de imigrantes. Ele observa, ainda, que mesmo os mulçumanos de classe média, com mais tempo de imigração, são relutantes em deixar as áreas em que vivem os membros da sua comunidade.

A tendência de formação de comunidades de imigrantes, impulsionada pela Cultura Islâmica, potencializa a questão da “Inércia Comportamental” citada anteriormente, uma vez que os imigrantes, dentro de tais comunidades, poderiam encontrar maior suporte para continuarem atendendo suas demandas religiosas. Esta associação de “inércia comportamental” com a formação de comunidades começaria a apontar, mais contundentemente, para uma resistência a aculturação.

3.2 A CULTURA ISLÂMICA TURCA

A diversidade da cultura turca reflete a mistura de vários elementos das culturas e tradições dos povos turcos que ocuparam, desde o século XI, o território que constitui

²²REVISTA EXAME – Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/fenomeno-mundial-do-jornalismo-televsivo-al-jazeera/>– Acesso em 05 de junho de 2018.

atualmente a Turquia. O Estado turco, moderno com uma forte separação entre o Estado e a religião, evoluiu do Império Otomano; muito baseado na religião, não só muçulmana, já que as igrejas, com destaque para a ortodoxa grega, tinham um papel importante no império (KAYA; 2004).

Mustafa Kemal tornou-se o primeiro presidente da república, em 29 de outubro de 1923, e empreendeu um vasto programa de reformas que tinha como objetivo tornar a Turquia um estado secular moderno, baseado em uma série de reformas políticas e sociais, visando a modernização do Estado. Esse conjunto de reformas, empregadas por Kemal na Turquia, ficou conhecido como kemalismo.

O Kemalismo orientou a transição entre o Império Otomano multireligioso e multiétnico para a República unitária e secular da Turquia. Mustafa Kemal foi o arquiteto e fundador da reforma, a qual continuou sendo observada pelos governos que se seguiram, mesmo após sua morte. (WEBSTER, 1973).

As reformas foram guiadas pelo progresso educacional e científico, baseadas nos princípios do Iluminismo positivista e racionalista. A crença de que a sociedade turca teria de se "ocidentalizar" para se modernizar, tanto política quanto culturalmente, era central a essas reformas. (LANDAU, 1984).

As mulheres passaram a ter os mesmos direitos legais que os homens, inclusive com direito de voto, algo que não existia então em muitos países europeus. Foi publicado um código civil baseado no suíço e um código penal baseado no italiano. A educação passou para as mãos do Estado, sendo fechadas as Escolas Islâmicas. (KURAL, 1997).

Em três de março de 1924 foi decretada a expulsão da família real otomana e a abolição do califado, o que constituiu um claro sinal da laicidade e irreversibilidade do

regime. (KURAL et al. 1977). Em 1928 foi adotado o alfabeto turco, adoção da grafia latina, em substituição dos alfabetos árabe e persa.²³

Em síntese, das várias ações empreendidas destacam-se a retomada do idioma turco, a abolição do alfabeto árabe, a adoção da grafia latina e o afastamento da ameaça do fundamentalismo religioso, com o fechamento das Escolas Islâmicas. Tendo redefinido a identidade nacional, política, religiosa e cultural do povo turco, nos anos 30, Kemal tentou promover, com grande empenho, o desenvolvimento econômico da Turquia. (HUNTINGTON, 1996)

Desde a implementação do Kemalismo, a Turquia vem tentando se manter um Estado secular²⁴, sem religião oficial. O Islamismo é a religião dominante no Estado em número de seguidores — 98% da população é muçulmana²⁵, mas a constituição decorrente da reforma Kemalista consagra a liberdade religiosa e de consciência. (FARUK, 2018).

Contudo, segundo Alexandre del Valle (2009), a laicidade somente teria existido na Turquia entre 1925 e 1949 com a abolição do califado e com a implementação do Kemalismo, até a alternância de 1946 -1950, quando se deu a derrota do partido Kemalista e a vitória do Partido Democrata, artesão, segundo o autor, do processo de re-islamização do Estado Turco.

Confrontados por um crescente fundamentalismo religioso, os dirigentes turcos tentaram adotar práticas fundamentalistas e aliciar o apoio fundamentalista. Nos anos 80 e 90, o governo turco, supostamente secular, manteve um Departamento de Assuntos Religiosos, com um orçamento maior do que alguns ministérios. (HUNTINGTON 1992).

²³MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DA TURQUIA. Disponível em: www.meb.gov.tr. 2002. Acesso em 20/05/2018.

²⁴Dois golpes militares, em 27 de maio de 1960 e 12 de setembro de 1980 garantiram a permanência das reformas Kemalistas contra ações de partidos políticos inclinados ao conservadorismo islâmico. (Nota do Autor).

²⁵PRF - Disponível em: <http://www.pewforum.org/2009/10/07/mapping-the-global-muslim-population/>. Acesso em 17/05/2018.

Nas últimas três décadas, um movimento islâmico fundamentalista vem ganhando força na Turquia. A orientação desse movimento é de característica antiocidental, apesar das forças seculares turcas serem, ainda, mais fortes que no mundo árabe. (LAQUEUR, 2007).

3.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

A cultura religiosa islâmica tem as características de “Inércia Comportamental” e de congregação de mulçumanos. Existe uma relação sinérgica entre essas características. Com base na pesquisa realizada é possível inferir que no caso dos imigrantes mulçumanos, a “Inércia Comportamental” concorre para a formação e crescimento das comunidades e o crescimento destas favorece a vivência da cultura religiosa que, conseqüentemente, reforça a “Inércia Comportamental”.

Mais que isso, ambas concorrem para uma crescente resistência a aculturação ao longo do tempo. Essa relação sinérgica entre a “Inércia Comportamental” e a formação de comunidades passa a ser percebida como “Ciclo da Inércia Comportamental”.

O fundamentalismo islâmico reforça esse “Ciclo da Inércia Comportamental”, pelo qual causa o fortalecimento da “Inércia Comportamental”. Além disso, somam-se ao processo de resistência cultural islâmica as altas taxas de natalidades das comunidades de imigrantes, resultando no crescimento das referidas comunidades, reforçando o “Ciclo de Inércia Comportamental”.

Ao longo desse capítulo foram também evidenciados e analisados os fatores externos a cultura islâmica que ajuda a potencializar o “Ciclo de Inércia Comportamental”. O conceito da “Eurábia” que se encerra com a interiorização dos valores da cultura Islâmica pelas sociedades ocidentais na Europa sem oferecer a devida resistência às imposições culturais islâmicas, seja pela componente do medo ou pelos interesses comerciais, facilitando a expansão cultural islâmica dentro de seus Estados, concorrendo para uma “islamização”.

Verificou-se que quanto maior for a “islamização” das comunidades de imigrantes de um Estado, maior o potencial de influência política dos movimentos fundamentalistas islâmicos sobre o Estado.

Foi identificado que a Turquia de Mustafa Kemal, por meio da reforma Kemalista, tomou medidas políticas austeras para garantir a laicidade do Estado. Destacaram-se os fatores da retomada do idioma turco, a abolição do alfabeto árabe e o fechamento das Escolas Islâmicas como ações relevantes no sucesso da reforma Kemalista.

4 O GOVERNO ALEMÃO E AS IMIGRAÇÕES TURCAS

Este capítulo é dedicado a analisar o processo de aculturação dos imigrantes turcos, conduzido pelo governo alemão e as consequências políticas decorrentes, entre a década de 50, então início das imigrações turcas, até 2016, quando da aprovação da Lei da Residência. O estudo do processo de aculturação dos imigrantes turcos, conduzido pelo governo alemão, permitirá o teste da hipótese formulada.

Para alcançar o objetivo, o capítulo está dividido em cinco seções secundárias. A primeira seção tem como foco os acordos políticos realizados entre a então Comunidade Econômica Europeia (CCE) e os Estados da Liga Árabe (LEA) sob a ótica do conceito de “Eurábia”. A segunda descreve as circunstâncias dos primeiros fluxos de imigrantes turcos e a postura política do governo alemão em relação aos imigrantes. A terceira seção aborda a reforma política doméstica adotada pelo Estado Alemão para promover a integração cultural dos imigrantes turcos e seus descendentes.

A quarta seção explica a relação política da Turquia com a Alemanha, analisando o pleito da Turquia de entrada na União Europeia, frente às consequências políticas decorrentes do processo de imigração turca na Alemanha. Por fim, na quinta seção, serão apresentadas conclusões parciais decorrentes das seções anteriores.

4.1 O DIÁLOGO EURO-ÁRABE

A ideia do Diálogo Euro-Árabe (DEA), para a solução da crise petrolífera, por ocasião da Cimeira Europeia de Copenhague em dezembro 1973, logo a seguir ao embargo petrolífero em outubro, foi lançada por Michel Jobert²⁶.

Este fórum de discussão entre a então Comunidade Econômica Europeia, da qual a Alemanha faz parte desde 1958, e os Estados da Liga Árabe tinha como objetivo afastar o choque entre a Europa e o mundo Árabe, radicalizado pelo conflito israelo-palestino e pelo

²⁶ Michel Jobert – Então Ministro de Assuntos Exteriores da França. (Nota do Autor).

embargo, e intencionava discutir questões econômicas e políticas. Esse eixo euro-árabe assumiu, desde o princípio, uma postura, se não antiamericana, pelo menos anti-hegemônica, de oposição ao domínio das superpotências, e sobretudo dos Estados Unidos da América (EUA) (DEL VALLE, 2009).

Nesse contexto, Michel Jobert convenceu Georges Pompidou²⁷ da necessidade de empreender uma grande política euro-árabe, a nível francês e a nível europeu. Seguiu-se, ao longo dos anos 70 e 80, a condução da famosa “grande política árabe e mediterrânea” transformada em verdadeira política pró-árabe. Enquanto isso as comunidades islâmicas se formavam e cresciam nos Estados do continente europeu.

Assim, em 25 de abril de 1984, a LEA solicitava a Europa que desse início a um diálogo global euro-árabe que definisse um eixo-político euro-árabe no qual, entre os vários assuntos pertinentes, se encontrava a formulação de uma política de tolerância religiosa para com os imigrantes mulçumanos que se encontravam nos Estados europeus (DEL VALLE, 2009).

O que se observa é que o Diálogo Euro-Árabe motivado, inicialmente, por questões políticas e comerciais, quando então associado às comunidades islâmicas espalhadas pelo continente europeu, encontrou um cenário favorável, ao longo do tempo, ao estabelecimento do “eurabismo”.

Nota-se que o Diálogo Euro-Árabe defendia a tolerância à cultura islâmica, sob o ponto de vista do multiculturalismo, ainda que reforçado pelos interesses políticos e comerciais. Contudo, com o crescimento das comunidades islâmicas pela Europa, a ideia do multiculturalismo começou a se tornar, oportunamente, no caso da imigração turca na Alemanha, uma imposição cultural islâmica (LAQUEUR, 2007).

²⁷Presidente da República da França de 1969 até sua morte em 1974 (Nota do Autor).

4.2 A ORIGEM DAS IMIGRAÇÕES TURCAS

Conforme exposto na Introdução, após o grande deslocamento de pessoas que aconteceu em toda a Europa, por ocasião da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a demanda do Estado alemão por trabalhadores estrangeiros, preenchida durante a guerra pelo trabalho forçado e, pouco depois, por cerca de 12 milhões de alemães étnicos, que foram expulsos de antigos territórios alemães, teve de ser satisfeita por meio de um novo canal. A Alemanha, desde então, tornou-se um Estado atraente para os trabalhadores migrantes.²⁸

Milhões dos chamados trabalhadores convidados (Gastarbeiter), na maioria trabalhadores não qualificados da Itália, Turquia, Espanha e Grécia, chegaram aos anos de “boom” econômico do Estado Alemão entre 1955 e o início dos anos 70. No caso dos imigrantes turcos, o perfil era de trabalhadores braçais, com nível de instrução, que vieram para trabalhar nas fábricas e construções, ajudando a reerguer a economia alemã, destroçada pela Segunda Guerra Mundial.²⁹

Os turcos recém-chegados não falavam o idioma alemão, a falta de comunicação era total quando comparada aos muitos imigrantes que foram para a França ou Reino Unido, os quais, pelo menos, falavam um pouco de francês e o inglês. Como início dos problemas, a sociedade alemã não recebeu os imigrantes turcos de forma amistosa e, portanto, não contribuiu para a integração desses, concorrendo, desta forma, para a formação dos guetos.³⁰ (LAQUEUR, 2007).

Os imigrantes eram vistos, pelo governo Alemão, como uma forma de preencher as lacunas laborais de curto prazo. Não foram pensadas as consequências ao longo prazo dos

²⁸MIGRATION POLICY INSTITUTE (MPI) – Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/new-reality-germany-adapts-its-role-major-migrant-magnet>. Acessado em 18/06/2018.

²⁹DEUTSCHE WELLE (DW) – Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/a-saga-dos-turcos-na-alemanha/a-542993>. Acessado em 08/06/2018.

³⁰DICIONÁRIO PRIBERAM – Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/gueto>. Acesso em 11/07/2018.

recém-chegados e seus filhos, até porque se imaginava que os imigrantes, após se capitalizarem o suficiente, voltariam para seus Estados de origem.³¹

Cabe apontar que decorrente da recepção acima mencionada, a experiência dos turcos na Alemanha tendia a estimular o retorno aos valores islâmicos religiosos dentro do Estado turco. Os turcos que retornavam da Alemanha Ocidental para a Turquia com sentimento de hostilizados, eram impelidos para o retorno à sua cultura que lhe era familiar, o islamismo. (HUNTINGTON 1992, p.183).

Segundo Laqueur (2007, p.60) os imigrantes turcos não se achavam preparados para a vida na Europa, pois eles eram originários das regiões menos desenvolvidas da Turquia, eram, na maioria, analfabetos mais conservadores do que a classe média de Istambul ou de Ancara, em termos de religiosidade.

Ainda, segundo o autor (2007, p. 61 e 74), o governo alemão não levou em conta as altas taxas de natalidade e a falta de vontade dos imigrantes turcos de se integrarem, pois, eles achavam que seus valores culturais eram superiores e que, afinal só esperavam ser em número o suficiente para impô-la ao Estado que os acolhera. Os imigrantes consideravam que se assemelhar a um cidadão alemão era algo imoral e por isso preservavam-se em seus valores culturais.

De 2010 até 2016, o número de imigrantes na Alemanha aumentou de 3.3 milhões para cinco milhões (6,1% da população total). Em 2007, os imigrantes turcos representavam 75% dos imigrantes mulçumanos.³²

Cabe observar que nas próximas décadas, a Alemanha precisaria atrair, anualmente, cerca de 530 mil pessoas a mais do que as que deixam o Estado, se desejar

³¹MPI– Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/new-reality-germany-adapts-its-role-major-migrant-magnet> – Acesso em 18/06/2018.

³²PRC – Disponível em: <http://www.pewforum.org/essay/the-growth-of-germanys-muslim-population/> – Acesso em 01/07/2018.

manter estáveis o volume de mão de obra e o sistema social do Estado até o ano de 2050, revelou um estudo feito pelo Instituto Bertelsmann³³, em 27 de março de 2015.

Segundo o referido Instituto, os números estavam aquém do necessário para o equilíbrio na economia alemã. Sem imigrantes, diz o levantamento, o número de pessoas na idade economicamente ativa daqui a 35 anos vai despencar dos atuais 45 milhões para 29 milhões.

O estudo do referido Instituto mostrou, ainda, que metade da força de trabalho qualificada, formada por pessoas nascidas durante o "baby boom" dos anos 1950 e 1960, vai se aposentar até 2030, deixando aberto um espaço que só poderá ser preenchido com mão de obra estrangeira. Foi apontado, ainda, pelo estudo que seria fundamental atrair mão de obra qualificada de países de fora da União Europeia, já que a população no bloco europeu também tende a cair.³⁴

4.2.1 CONCEÇÕES QUANTO AO IDIOMA

No início das imigrações turcas, o multiculturalismo representava a crença de que os imigrantes deveriam manter seu idioma e cultura, a fim de facilitar sua eventual volta para casa. Para os imigrantes recém-chegados, aprender a língua alemã era considerado opcional.³⁵

Em 2007, já se constatava que as habilidades idiomáticas da juventude mulçumana turca, na Alemanha, eram baixas. Eles falavam turco ou árabe, e o emprego do alemão ou inglês eram desencorajados pelos pais, os quais, frequentemente, não dominavam o idioma. A alienação cultural dos turcos na Alemanha era pior que na Inglaterra e na França devido à falta de idioma comum com os Estados onde se encontravam. (LAQUEUR, 2007).

³³BERTELSMANN – é uma fundação independente de direito privado, com sede em Gütersloh, Alemanha. a fundação promove "processos de reforma" e "os princípios da atividade empreendedora" para construir uma "sociedade voltada para o futuro". (Nota do Autor).

³⁴DW – Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/alemanha-precisa-atrair-mais-imigrantes-diz-estudo/a-18346103>. Acesso em 19/06/2018.

³⁵MPI – Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/new-reality-germany-adapts-its-role-major-migrant-magnet>. Acesso em 19/06/2018.

O Presidente da Sociedade Germano-Turca de Stuttgart, AykutDuzguner, em setembro de 2015, afirmou que o idioma alemão não foi ensinado aos primeiros imigrantes turcos e lamentou ao declarar que os “Gastarbeiter” não fizeram o esforço de estudar alemão, mas, ressalta-se que os alemães não insistiram para que o fizessem. Ele declarou que essa foi a causa de uma parte das duas primeiras gerações de imigrantes turcos não dominar o idioma alemão e viver isolada em guetos.³⁶

Ao longo do tempo, as comunidades turcas na Alemanha insistiam no ensino religioso islâmico nas escolas públicas e iam aos tribunais para garantir seus direitos civis religiosos, incompatíveis com a constituição germânica. Por fim, conseguiam. As autoridades alemãs contrataram professores de religião em sua maioria estrangeiros, fundamentalistas que não falavam o idioma alemão. (LAQUEUR, 2007).

As autoridades alemãs, apesar de insistirem que o ensino religioso tinha que ser ministrado em alemão, encontraram forte resistência por parte das organizações religiosas turcas e da própria Turquia. Os tribunais alemães cediam e decidiam a favor dos mulçumanos. Quando uma escola da cidade de Berlim decidiu insistir apenas no uso da língua alemã durante as aulas, viu-se duramente atacada pela mídia turca, muito embora a maioria dos alunos e de seus pais estivesse a favor da medida. (LAQUEUR, 2007).

Huntington (1996, p. 83) cita o idioma, como o fator de segunda maior importância depois da religião para a distinção uma pessoa da outra, em termos culturais. A decisão dos tribunais alemães, ao ceder o uso de outro idioma no ensino escolar e religioso, que não a nacional, concorreram para aumentar a resistência a aculturação das comunidades de imigrantes turcos pela sociedade alemã.

O idioma árabe para a prática religiosa permite a influência do fundamentalismo religioso e o uso do idioma turco, no sistema de ensino alemão, para atender as demandas das

³⁶REVISTA EXAME – Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/turcos-da-alemanha-advertem-sobre-erros-antigos-na-imigracao/>. Acesso em 07 de junho de 2018.

comunidades de imigrantes turcos, fortalece o “Ciclo da Inércia Comportamental”. Ambas as concessões do governo alemão concorrem, ao final, para uma resistência cultural islâmica à aculturação ocidental alemã.

4.2.2 A FORMAÇÃO DOS GUETOS E A ISLAMIZAÇÃO

As primeiras levas de imigrantes não receberam qualquer ajuda em matéria de habitação por parte do Estado Alemão ou das autoridades locais. Este fato concorreu também para o fenômeno de “guetização”. (LAQUEUR, 2007). A formação de guetos e a islamização, como exposto no capítulo anterior, são fatores cíclicos do “Ciclo de Inércia Comportamental” que resultam em resistência a aculturação islâmica pela cultura ocidental alemã.

Desde suas chegadas na Alemanha, por não dominarem o idioma germânico, era uma tendência que os imigrantes turcos se apegassem aos seus próprios pares e as suas tradições: suas mesquitas; suas lojas de carnes e legumes; e vários outros lugares nos quais podiam reconhecer traços de sua cultura islâmica, que lhes eram familiares. Em Berlim, onde se encontra a maior comunidade islâmica turca, os imigrantes turcos bem-sucedidos social e economicamente inclinam-se mais a permanecer em seus bairros e investir neles. Existem bancos, agências de viagem, lojas e consultório médicos turcos. (LAQUEUR, 2007).

O governo alemão está estava gastando, em 2007, cerca de cem milhões de euros por ano para promover a integração. Não é certo que o resultado seria diferente caso fosse investido um valor dez vezes maior, pois uma maioria considerável de imigrantes turcos não deseja que sua prole viva como “Alemães” e, para atingir o propósito de proteger seu rebanho das tentações, se auto impõe a “guetização” como melhor alternativa. (LAQUEUR, 2007).

Em síntese, o que se observa no caso dos imigrantes turcos *versus* sociedade alemã, é que a “guetização” inicia-se pelo “Ciclo de Inércia Comportamental”, ao mesmo tempo em que também é motivado pela diferença de idioma entre as culturas envolvidas, e mais tarde é fomentada pelo fundamentalismo religioso, resultante da aversão à cultura

ocidental alemã. Soma-se a estes fatores de “guetização”, a falta de uma política migratória voltada para o assentamento dos imigrantes turcos.

O Governo Alemão, no processo de integração dos imigrantes turcos, não levou em conta as elevadas taxas de natalidade das comunidades imigrantes turcas nem a sua incapacidade ou falta de vontade de se integrar. O Deutsche Welle³⁷ publicou, em 2002, um estudo que mostrava que os casamentos teuto-turcos eram uma exceção. As reservas são comprovadamente maiores do lado alemão, já que a imagem do islamismo é negativa e os pais alemães temem um destino de repressão para suas filhas. Contudo, constou-se em 2007 que o número de casamentos mistos dobrou nos últimos dez anos. (LAQUEUR, 2007).

Segundo pesquisa publicada pelo Professor Houssain Kettani³⁸, o número estimado de imigrantes mulçumanos (maioria turca) na Alemanha, em 1950, era de 20.513 e representava 0.03% da população alemã. Em 1970, esse número subiu para 1.172,539, o qual passou a representar 1,5% da população, e no ano 2000 já eram aproximadamente 3.2 milhões.³⁹

Entre 2010 e 2016, o número de muçulmanos que moram na Alemanha aumentou de 3,3 milhões (4,1% da população) para quase 5 milhões (6,1%), enquanto o resto da população nativa alemã recuou modestamente de 77,1 milhões para 76,5 milhões. A imigração tem sido um fator importante no crescimento da população muçulmana da Alemanha.⁴⁰

Mas, mesmo que não haja mais imigração, os muçulmanos continuarão a aumentar como parcela da população da Alemanha nas décadas futuras, porque os

³⁷DW – Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/a-saga-dos-turcos-na-alemanha/a-542993>. Acesso em 19/06/2018.

³⁸Professor, PHD da Ciência da Computação pela Universidade Politécnica da Flórida. Disponível em: <http://bigcat.fhsu.edu/~kettani/vita.html>. Acesso em 16/07/2018.

³⁹International Journal of Environmental Science and Development, Vol. 1, No. 2, June 2010 – Disponível em: <http://www.ijesd.org/papers/29-D438.pdf>. Acesso em 12/07/2108.

⁴⁰PRC – Disponível em: <http://www.pewforum.org/essay/the-growth-of-germanys-muslim-population/>. Acesso em 19/06/2018.

decedentes de imigrantes turcos, em média, são muito mais jovens e têm maior taxa de natalidade do que os alemães nativos como um todo.⁴¹

O crescimento das comunidades mulçumanas vem acompanhado de outro fator de resistência a aculturação. A Alemanha tinha aproximadamente setecentas mesquitas de pequeno porte ou salões de oração nos anos de 1980, e em 2007, já eram mais de 2500. Muitas mesquitas se constituem como “arquipélago”, com uma infinidade de organizações sociais como: clubes esportivos; escolas; creches e outras instituições. (LAQUEUR, 2007).

4.2.3 A INFLUÊNCIA FUNDAMENTALISTA

A comunidade turca na Alemanha era, particularmente, interessante para as forças fundamentalistas radicais da Turquia, encabeçadas por Necmettin Erbakan, cujo partido extremista enviou emissários e imãs⁴² à Alemanha oferecendo assistência de variados tipos. As duas principais organizações, de perfil fundamentalista, de apoio social das comunidades de imigrantes islâmicos, eram o grupo *Khalifat* de Cemaleddin Kaplan, em Colônia, e uma associação fundada em 1980, a *Milli Goerues*, que se espalhou rapidamente por toda a Alemanha. (LAQUEUR, 2007).

O grupo de Kaplan, por seu forte radicalismo, foi declarado pelas autoridades alemãs como ilegal, enquanto a organização *Milli Goerues*, atuando de forma bem mais sutil, tornava-se uma organização em massa com o projeto de um Estado que viva segundo as leis islâmicas, mesmo que para isso seja necessário realizar algumas concessões até que os mulçumanos se tornem maioria.

Ressalta-se que até cerca de 30 anos atrás, as organizações religiosas turcas, na Alemanha, eram completamente neutras, e os sermões nas mesquitas apolíticos. Porém, a *Milli Goerues* é classificada como “extremista” pela burocracia alemã e o grupo afirma ter

⁴¹PRC – Disponível em: <http://www.pewforum.org/essay/the-growth-of-germanys-muslim-population/>. Acesso em 19/06/2018.

⁴²Título muçulmano que designa o sacerdote encarregado de dirigir as preces na mesquita. (Nota do Autor).

algo em torno de 200 mil membros e dirige cerca de 270 mesquitas na Alemanha. (LAQUEUR 2007).

As premissas ideológicas da *Milli Goerues* e das organizações que lhe são aliadas, são extremamente críticas ao cristianismo e abertamente antisemitas. A *Milli Goerues* tem optado pelas pressões sociais no lugar de ações violentas (LAQUEUR, 2007). A influência, dos grupos religiosos e políticos mais reacionários é maior entre as comunidades turcas, na Alemanha, do que na própria Turquia. (DEL VALLE, 2009).

A importância de organizações como a *Milli Goerues*, que fornece inúmeros serviços de apoio social às comunidades de imigrantes turcos, é que ela ilustra a “receita” do fundamentalismo religioso no processo de islamização das comunidades islâmicas, agindo nas esferas sociais e políticas, tal como visto no capítulo anterior, sendo implementada, nesse caso em proveito da Turquia dentro do Estado Alemão.

4.2.4 O MULTICULTURALISMO

No início da década de 90, líderes políticos europeus estavam tomados por um sentimento anti-imigração. Em 1990 Jaques Chirac declarou que “é preciso parar totalmente a imigração”. François Mitterrand (Presidente francês de 1981 – 1995) e outros políticos, de corrente majoritárias, assumiram posições contra a imigração. (DEL VALLE, 2009, p. 252).

No entanto a situação mudou e próximo ao final do século XX, o mesmo Jaques Chirac (Primeiro-Ministro da França, de 1974 - 1976 e 1986 - 1988), Gerhard Schroder (ex-Chanceler da Alemanha, 1998-2005), Tony Blair (Ex- Primeiro Ministro do Reino Unido, 1997-2007) e Silvio Berlusconi (Ex- Primeiro Ministro da Itália, 2001-2006), grandes promotores da adesão turca à União Europeia afirmaram, na Sétima Cimeira Europeia⁴³, que a União Europeia não era um clube cristão e que tem uma vocação universal e pluricultural.

⁴³ Realizada em Haia, em dezembro de 2004. (DEL VALLE; 2009).

A ideia que a Europa preenchida de imigrantes de cultura islâmica, terá deixado de ter uma identidade civilizacional e religiosa própria foi particularmente bem difundida e sustentada por Jerome Monod, conselheiro de do Ex-Presidente francês Jacques Chirac (1995-2007) (DEL VALLE, 2009).

Em outubro de 2010, Ângela Merkel, Chanceler Alemã desde 2005, declarou em uma reunião de jovens membros de seu partido conservador, o União Democrata Cristã (CDU), em Potsdam, que

a tentativa de construir uma sociedade multicultural na Alemanha tinha falhado completamente [...] o conceito de que estamos vivendo agora lado a lado e estamos felizes com isso não funciona [...] nos sentimos ligados ao conceito cristão da humanidade, que é o que nos define. Qualquer um que não aceita isso está no lugar errado aqui [...] os imigrantes devem se integrar e adotar a cultura e os valores da Alemanha.⁴⁴ (BBC NEWS. Discurso de Ângela Merkel. Nossa tradução. Versão em Inglês. Original alemão).

4.2.5 TURQUIA X ALEMANHA - UNIÃO EUROPÉIA

A partir da década de 80, a meta principal da política externa da elite turca, de orientação ocidental, foi a de ingressar na União Europeia. (HUNTINGTON, 1996, p. 180). Existe forte resistência na Alemanha quanto à entrada da Turquia na União Europeia. Muitos alemães desconfiam que a lealdade primeira dos turcos que vivem na União Europeia será para com seu país de origem e não para com seu país de adoção. (LAQUEUR, 2007).

O fator mais importante desta resistência, segundo Huntington, é que “os países europeus não querem encarar a possibilidade de abrir suas fronteiras à imigração de um país de 60 milhões de mulçumanos e muito desemprego.” (HUNTINGTON, 1996, p.181).

Fica evidente pelas atuais tendências demográficas que a Turquia será o Estado mais populoso da Europa, fortalecendo o fator islâmico dentro da União Europeia. Nas últimas duas décadas, o islamismo vem ganhando força e com uma orientação, basicamente,

⁴⁴BBC NEWS – Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-11559451> - Acesso em 02/07/2018.

antiocidental. Atualmente a Turquia parece estar se afastando dos princípios Kemalista e isso é indesejável para a Europa. (LAQUEUR, 2007).

As opiniões sobre a entrada da Turquia na União Europeia são diversas. Vários políticos e intelectuais europeus são a favor da entrada e integração do Estado turco na União Europeia, pois assim representaria a possibilidade de se evitar um choque de civilizações entre o ocidente e o mundo islâmico. Outros defendem a ideia de que uma Turquia frustrada com a rejeição poderia pender para o posicionamento antiocidental e fundamentalista islâmico. (DEL VALLE, 2009).

4.3 PRINCIPAIS POLÍTICAS DE MIGRAÇÃO

As políticas de migração alemãs percorreram um longo caminho nas últimas duas décadas. O Estado começou a abraçar sua identidade como um relevante destino da migração. O ponto de vista foi alterado dos migrantes como convidados temporários para contribuintes necessários, valorizados e de longo prazo para a sociedade.⁴⁵

Uma revisão maciça das leis alemãs sobre migração, asilo e requisitos de cidadania foi necessária ao Estado para enfrentar seus desafios migratórios com mais eficiência. Consequentemente, e de acordo com seus vizinhos europeus, a Alemanha reforçou suas leis de asilo e uma nova lei de integração foi elaborada com o objetivo de proteger os valores alemães, conforme definido pela sua Constituição.

Atualmente, a Alemanha exige com mais confiança a integração linguística e cultural do que em qualquer outro momento desde a Segunda Guerra Mundial.⁴⁶

4.3.1 LEI DA CIDADANIA

Com a crise do petróleo afetando a economia, o governo alemão encerrou seu programa de trabalhadores convidados em 1973. A suposição era de que a maioria dos trabalhadores convidados retornaria aos seus Estados origem e, de fato, a maioria deles, cerca

⁴⁵MPI – Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/new-reality-germany-adapts-its-role-major-migrant-magnet>. Acessado em 19/06/2018.

⁴⁶Idem.

de onze milhões, o fez. Mas os três milhões de imigrantes turcos que ficaram começaram a “importar” seus parentes da Turquia, alimentando um fluxo mais baixo, mas relativamente constante, de imigrantes ao longo dos anos 70.⁴⁷

As altas taxas de natalidade dos imigrantes turcos e a quantidade de dependentes trazidos, legal e clandestinamente da Turquia, eram maiores do que se supunha. Os filhos de imigrantes nascidos na Alemanha não eram vistos, até então, como cidadãos.⁴⁸ Decorrente disso, boa parte desses jovens da segunda geração de trabalhadores não teve acesso ao sistema educacional Alemão concorrendo para o problema de desemprego, pelo fato de muitos deles não possuírem as qualificações que o mercado de trabalho requer. (LAQUEUR, 2007).

Em pesquisa realizada, envolvendo turcos que moram na Alemanha, sobre ortodoxia religiosa, constatou-se que o tempo em que estavam no Estado parecia não ter muita relevância nesse contexto, enquanto que a educação e a renda eram aspectos significativos. Aqueles que têm uma educação mais elevada e melhores rendimentos tendem a serem menos religiosos do que os demais. (LAQUEUR, 2007).

Como parte das reformas do sistema de imigração na Alemanha, primeiro veio a liberalização da Lei de Cidadania, que ocorreu em numerosas etapas a partir de 2000. A nova legislação facilitou os imigrantes e seus filhos se tornarem alemães e os nativos e imigrantes possuírem dupla cidadania. Por exemplo, crianças nascidas de pais imigrantes residentes na Alemanha, por pelo menos oito anos e que possuem residência permanente, receberam automaticamente a cidadania alemã.⁴⁹

Os demais turcos nascidos na Alemanha não recebem a cidadania, automaticamente, mas podem se habilitar a ela. Contudo, os candidatos a cidadania precisam submeter-se a alguns exames para verificar uma proficiência mínima no idioma e na

⁴⁷ MPI – Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/new-reality-germany-adapts-its-role-major-migrant-magnet>. Acessado em 19/06/2018.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ MPI – Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/new-reality-germany-adapts-its-role-major-migrant-magnet>. Acessado em 19/06/2018.

legislação básica. Ademais é inserido, nesses exames, o conhecimento sobre a legislação para que o candidato saiba que o Estado alemão é uma democracia e que a *Sharia* não é a lei do Estado. (LAQUEUR, 2007).

Laqueur (2007, p. 62) observou que os turcos na Alemanha permaneceram turcos mesmo quando adotaram a nacionalidade germânica. Demonstrando obediência a capital turca, os turcos na Alemanha podem votar nas eleições turcas e ao mesmo tempo, onde quer que morem, devem lutar pelos interesses maiores da Turquia, a qual segue sendo sua pátria.

O autor complementa, explicando que, mais recentemente, o governo turco demonstrou grande interesse por suas comunidades na Alemanha, via canais oficiais e não-oficiais. A grande maioria dos turcos, na Alemanha, mantém-se informada sobre o que acontece em seu Estado de origem e pelo mundo, por meio dos jornais turcos, com edições impressas em Berlim, assim como pela televisão turca, por meio das antenas apontadas para a Turquia. Laqueur (2007, p.62 -63) cita que as instituições oficiais alemãs têm se mostrado praticamente impotentes quanto essa postura adotada pelos mulçumanos turcos.

4.3.2 LEI DA RESIDÊNCIA E LEI DO RECONHECIMENTO

Aprovada em julho de 2016, possui o lema da lei de “Demand and Support” e exigiu maior foco na integração. Pela primeira vez na história alemã, a integração foi lançada como um dever do Governo Federal. A lei estabeleceu cursos de integração financiados pelo Governo Federal para ensinar os recém-chegados “alemães” e fornecer-lhes orientação legal e cultural.⁵⁰

Entre outras medidas, as autoridades vão determinar o local de residência dos demandantes de asilo reconhecidos para distribuí-los melhor pelo território e evitar a

⁵⁰MPI – Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/new-reality-germany-adapts-its-role-major-migrant-magnet>. Acesso em 19/06/2018.

“guetização”. A Alemanha não concederá permissão de residência permanente aos refugiados que não fizerem esforços suficientes para se integrar; especialmente aprendendo alemão.⁵¹

A lei inclui um trecho dedicado ao emprego dos refugiados, com o objetivo de facilitar a contratação. Até então, os demandantes de asilo poderiam ter acesso a um posto de trabalho apenas se não existisse um candidato alemão, ou cidadão comunitário, para a mesma vaga. Os refugiados, que buscarem uma formação, terão “visto” de residência pelo tempo que durar os estudos.⁵²

A lei também liga o direito de se estabelecer, permanentemente, na Alemanha com os esforços de integração. A residência permanente depende de encontrar emprego ou treinamento após cinco anos de chegada para aqueles que falam alemão básico e, após três anos, para aqueles fluentes em alemão.

A Lei de Reconhecimento⁵³, de 2012, garantiu aos imigrantes o direito de ter suas qualificações e diplomas reconhecidos na Alemanha, facilitando o uso de suas habilidades. Dois fatores desencadearam essa mudança de pensamento. Em primeiro lugar, a mudança demográfica e a diminuição da população levaram à conclusão de que a Alemanha precisava atrair trabalhadores estrangeiros qualificados se quisesse manter sua posição econômica e seu generoso sistema de bem-estar social. Em segundo lugar, os filhos de ex-trabalhadores convidados começaram a deixar sua marca na vida pública.

À medida que os membros da segunda geração começaram a ocupar posições na política e na mídia, dúvidas sobre sua identidade alemã e capacidade de equilibrar a lealdade a seus Estados ancestrais foram progressivamente eliminadas. Cabe lembrar que o desemprego e a consequente pobreza potencializam a resistência a aculturação.

⁵¹ MPI – Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/new-reality-germany-adapts-its-role-major-migrant-magnet>. Acesso em 19/06/2018.

⁵² GLOBO (G1) – Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/alemanha-estabelece-normas-para-integracao-dos-imigrantes.html> - Acesso em 02/07/2018.

⁵³ MPI – Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/new-reality-germany-adapts-its-role-major-migrant-magnet>. Acesso em 19/06/2018.

4.4 CONCLUSÕES PARCIAIS

O governo Alemão não adotou nenhuma política migratória de integração dos turcos, no período compreendido entre 1950 e 2000. O “ciclo de inércia cultural”, citado no capítulo anterior, ao longo desse tempo, foi processado e reforçado ao longo das gerações e dos fluxos de migratórios, aumentando a resistência à aculturação, das comunidades turcas pela sociedade alemã.

Observa-se que, em 1973, iniciam-se os movimentos político-econômicos dos Estados árabes- mulçumanos junto aos Estados europeus. A resistência a aculturação gerada pelo “Ciclo de Inércia Cultural” então é fortalecida pelo fundamentalismo religioso. A esse processo adicionam-se os seguintes fatores que também concorreram para a resistência cultural turca à aculturação: o perfil mais religioso das primeiras levas de imigrantes turcos; a “guetização”; a negação oportunidade de se ter a identidade alemã, pela falta de uma lei de cidadania; e o sentimento de que foram hostilizados pela sociedade alemã.

Todos esses fatores apontaram, ao longo dos anos, para uma retomada da cultura religiosa islâmica. A partir de 1973, esta retomada cultural passou a ser fomentada pelo fundamentalismo religioso, pelas organizações nacionais islâmicas, dentro da Alemanha, bem como por organizações internacionais e, mais tarde, pela própria Turquia. Todo esse processo de escalada de influência islâmica por meio das comunidades de imigrantes turcos resultou num fenômeno geopolítico cultural.

De 1973 até os dias atuais, a receita da *Sharia* foi aplicada e sob o ponto de vista do conceito da “Eurábia”, inúmeras concessões foram feitas pelo Estado alemão a favor das comunidades turcas islâmicas, das quais se destacam: a inclusão do idioma turco no sistema escolar nacional e do estabelecimento de inúmeras Escolas Islâmicas nas comunidades, as quais disseminam o idioma árabe, ao mesmo tempo em que pregam o fundamentalismo

religioso. Observa-se que tais concessões realizadas pelo governo alemão, foram exatamente aquelas combatidas pela reforma Kemalista.

A mesma “receita” adotada pelo o fundamentalismo religioso para se estabelecer nos Estados de cultura islâmica, por ocasião do Ressurgimento, seguindo a ordem de atuação, primeiramente por meio das esferas culturais, depois sociais e, por fim políticas, está sendo aplicada no Estado alemão.

O processo de “islamização” está primeiramente agindo culturalmente com a demanda por concessão do idioma turco no sistema de ensino nacional, o idioma árabe para o ensino religioso e o estabelecimento crescente de mesquitas. Depois socialmente, com o estabelecimento de Escolas islâmicas e criação de organizações sociais, como a *Milli Goerues*, a qual trabalha pressionando o governo alemão para aprovar, por exemplo, as concessões legais para as questões culturais, idiomáticas e religiosas.

Na esfera política, todo o aparato de organizações sociais, mesquitas, Escolas Islâmicas e mídia trabalham sinergicamente para o atingimento dos objetivos fundamentalistas islâmicos ou de Estados de cultura islâmica, como é o caso da Turquia. Todo esse processo político – social – cultural, quando manipulado na Alemanha em atendimento aos anseios internacionais islâmicos se torna uma geopolítica cultural.

A geopolítica cultural tem seu poder de influência política proporcional a resistência a aculturação das comunidades islâmicas. Resta saber o quão ordenado está sendo conduzida esta geopolítica. Gaddafi, no seu discurso realizado em 2006, não deixa dúvidas quanto à existência de um plano de islamização que estaria acontecendo, com sucesso, por meio dos imigrantes mulçumanos. Se opondo a ameaça anunciada por Gaddafi, no ano de 2010, a Chanceler alemã Ângela Merkel declara que a ideia do multiculturalismo não pode ser mais mantida. Declara, ainda, que os valores cristãos devem prevalecer sobre a cultura islâmica.

Conclui-se, diante de todos os fatores e consequências considerados, que a cultura islâmica turca não está sofrendo aculturação pela cultura ocidental da sociedade alemã. Ainda, observa-se que a comunidade turca na Alemanha, devido à resistência cultural alcançada, está se estabelecendo e crescendo como uma sociedade culturalmente paralela à sociedade germânica, pelo menos até o início do século XXI, quando do estabelecimento das primeiras políticas migratórias pelo governo Alemão.

As políticas migratórias estabelecidas a partir de 2000 estão todas voltadas para combater o “Ciclo de Inércia Comportamental”. A Lei da Cidadania fornece uma possibilidade de identidade alemã e, portanto, acesso a todo sistema de direitos sociais alemão desde que se aprenda o idioma. Portanto, por meio do emprego de leis, o governo alemão busca combater em duas frentes os fatores de resistência a aculturação: o desemprego e o idioma.

A Lei da Residência combate a formação das comunidades, evitando a aglomeração de imigrantes e impõe o idioma para os recém-chegados agindo também diretamente contra o “Ciclo de Inércia Comportamental”.

Por fim, mas não menos importante, a Lei do Reconhecimento, que vem a combater o desemprego e, portanto, a pobreza, fator o qual impele, como apontado no capítulo 3 desta dissertação, os imigrantes a se apegarem mais à religiosidade, aumentando assim a resistência à aculturação.

Enquanto aguardam-se os resultados da política migratória estabelecida, para os anos vindouros, a Chanceler alemã Merkel declarou, em 2010, ainda que de forma tácita, que a cultura religiosa islâmica, não seria mais tolerada. O quão tolerante pode, ainda, ser o Estado Alemão?

5 CONCLUSÃO

Conforme exposto no capítulo 2, Samuel Huntington (1996, p.19), em sua obra “*O Choque de Civilizações*”, apontou, em seu primeiro corolário, que no mundo pós-Guerra-Fria, “a modernização econômica e social não estaria produzindo nem uma civilização universal de qualquer modo significativo, nem a ocidentalização das sociedades não-ocidentais”. Ao contrário disso, Huntington apontou que as sociedades não-ocidentais estariam repudiando os valores que lhes foram impostos pelo Ocidente.

O “Ciclo da Inércia Comportamental” dos imigrantes turcos além de não ter sido influenciado pelos valores ocidentais, entre os anos 1950 e 2000, ainda, foi fortalecido pelo fundamentalismo religioso, o qual, além de ter sido bem-sucedido em reforçar a resistência da cultura islâmica a aculturação também conseguiu provocar a aversão aos valores ocidentais.

Tal como foi observado na pesquisa realizada, os imigrantes turcos achavam que seus valores culturais eram superiores aos dos alemães e consideravam que se assemelhar a um cidadão alemão era algo imoral e por isso encerravam-se em seus valores culturais.

No caso dos imigrantes turcos na Alemanha, considerados como uma civilização vivendo dentro de um Estado que abriga uma civilização diferente, dentro do conceito proposto por Huntington, a modernização econômica e social do modelo ocidental europeu alemão, não está causando a ocidentalização das sociedades não-ocidentais – representadas nesse caso pelas comunidades de imigrantes turcos e, portanto, não está produzindo uma civilização universal.

Não houve uma aculturação da cultura islâmica turca pela sociedade alemã e nem se quer uma integração entre as culturas envolvidas. Se, segundo Huntington, o idioma e a religião são os fatores de maior importância que determinam uma civilização, os dois, nesse caso, foram preservados. A civilização turca, de cultura islâmica, permanece como uma sociedade paralela dentro do Estado alemão.

Além do analisado “Ciclo de Inércia Comportamental”, o fundamentalismo religioso se encarregou de fortalecer a resistência cultural da comunidade turca na Alemanha, favorecendo a “guetização” e o sectarismo cultural.

No segundo corolário selecionado, Huntington (1996, p. 19) apontou que na nova ordem mundial emergente, baseada na civilização e estabelecida no mundo pós-Guerra Fria, “as sociedades que compartilham afinidades culturais cooperam umas com as outras, os esforços para transferir sociedades de uma civilização para outra não têm êxito e os países se agrupam em torno de Estados líderes ou núcleo de suas civilizações”. O autor acrescenta que em muitos Estados, inclusive nos do mundo desenvolvido, haveria movimentos regionais que estariam promovendo uma autonomia substancial ou a secessão.

Referente a esse corolário, a pesquisa realizada evidenciou que no caso da Alemanha, os imigrantes turcos, além de estarem vivenciando uma sociedade cultural paralela à sociedade germânica, eles ficaram ainda, conectados ao Estado núcleo de sua civilização, a Turquia. Essa constatação está alinhada com o conteúdo do segundo corolário de Huntington selecionado e exposto acima.

Foi observado que esse alinhamento político-cultural interfere no relacionamento político entre a Turquia e a Alemanha, no caso mais atual, entre outros, quanto ao pleito da entrada da Turquia na União Europeia. Cabe lembrar que a comunidade de imigrantes turcos na Alemanha é a maior população turca do mundo, fora do território da Turquia.

Nesse caso, o que se pode inferir é que a Turquia possui poder político sobre as comunidades localizadas na Alemanha, decorrente da afinidade cultural. Em face do exposto, poderia utilizar sua influência política sobre a referida comunidade fazendo desta comunidade um fator da geopolítica cultural, com o propósito de pressionar, politicamente, o governo alemão.

O governo alemão, em resposta ao fator geopolítico cultural, desconfia da lealdade das comunidades turcas, para a tomada de decisões políticas domésticas, e também não deseja aumentar o efeito de islamização, promovido pela Turquia, por toda a Europa com a entrada do referido Estado para a União Europeia.

Os dois corolários propostos por Huntington, utilizados para o apoio teórico desta pesquisa, se confirmaram no caso da imigração turca na Alemanha. O objeto de pesquisa, qual seja o processo de aculturação dos imigrantes turcos promovido pelo governo Alemão, evidenciou que até o ano 2000, a cultura islâmica turca não foi influenciada pelos valores ocidentais europeus da Alemanha e, portanto, apontou para a validação do argumento aqui defendido de que não houve êxito na aculturação dos imigrantes turcos pela cultura alemã.

No entanto, não seria possível apontar, com base apenas no caso estudado, se uma nova ordem mundial baseada nas civilizações estaria emergindo. Apesar das consequências do processo de imigração, promovido pelo governo Alemão, terem gerado um efeito geopolítico nas relações entre a Turquia e a Alemanha, não é garantido que essa islamização se manterá ao longo do tempo, principalmente com as novas políticas adotadas, pelo governo Alemão, a partir do ano 2000.

Ressalva-se, contudo, que esses acontecimentos na Alemanha decorrentes da falta de êxito no processo de aculturação dos imigrantes turcos, aconteceria de qualquer forma, independente da queda do “mundo comunista”. Este estudo não aponta o fenômeno de islamização da Europa, pelo menos pelo que foi observado localmente na Alemanha, como decorrente ou impulsionado de qualquer forma, da desfeita da antiga divisão mundial imposta pela Guerra-Fria.

Finalizando, é pertinente destacar que a pesquisa não esgota o tema e o objeto de estudo. É sabido que existem comunidades de imigrantes de cultura islâmica, de diferentes origens, em diversos Estados europeus sofrendo processos de aculturação também diferentes.

Cada Estado europeu conduziu seu processo de integração de seus imigrantes de forma diferente. Para se ter uma real conclusão, em nível mundial, como propõe Huntington, seria necessário a ampliação desse estudo, caso a caso, para que se tenha uma visão global.

REFERÊNCIAS

- ALCORÃO** – Sagrado Alcorão. English Translation of The QURAN – tradução Syed Vickar Ahmed. Editora Book of Signs, 3º edição, 2007. v, p. vii e xi p.).
- BERRY**, John W. Berry, Ype H. Poortinga, Janak Pandey, Pierre R. Dasen, T. S. Saraswathi, Marshall H. Segall, and CigdemKagitçibasi. Handbook of Cross-Cultural Psychology- *Social Behavior and Applications*. Volume 3, segunda edição, 1997. 294 p.
- DEL VALLE**, Alexandre del Valle. *A islamização da Europa - O fim da União Europeia ou a substituição da Europa pela Eurásia*. Editora Civilização, 2009. 13, 21, 22, 32, 33, 34. 36, 37, 74, 167, 150, 261 e 262 p.
- ESPOSITO** - John L. Esposito e Natana J. De Long -Bas. *Women in Muslim family law*, Contemporary Issues in the Middle East, Editora Paperback, segunda edição, 2001. p. 2.
- FARUK**, Constituição turca com emendas desde 2002. Traduzida por OmerFarukGenckaya, com o conteúdo fornecido pela Oxford University e preparado para distribuição pela constituteproject.org . Documento no formato .PDF gerado em 2018.
- FRANÇA**, Lessa Júnia; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas. 8. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 255 p.
- HAYEK**, *Alcorão Sagrado* - Livros que mudaram o mundo. Tradução de Samir El Hayek. Primeira edição. São Paulo. Editora Folha de São Paulo; Coleção Folha, volume 19, 2010. 36 e 149 p.
- HORROCKS**, David Horrocks and Eva Kolinsky, *Turkish culture in German - Society today*. Editora Berghahn Books, 1996. 17 p.
- HUNTINGTON**, Samuel P. Huntington. *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*, Editora Objetiva, 1996. 19, 20, 21, 37, 39, 135, 136, 137, 178 e 183 p.
- KALINA**, Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva. *Dicionário de Conceitos Históricos* São Paulo. Editora Contexto, 2º Edição 2009. 15, 60, 85, 162 e 163 p.
- KAYA**, Ibrahim Kaya. *Social Theory and Later Modernities: The Turkish Experience*. Publicado pela Universidade de Liverpool, 2004. 58 p.
- LAQUEUR**, Walter Laqueur. *Os últimos dias da Europa – Epitáfio para um velho continente*. Tradução de André Pereira da Costa. Editora Odisséia, 2007. 44, 61, 68 e 168 p.
- KURAL**, Ezel Kural Shaw, Stanford Jay. *History of the Ottoman Empire and Modern Turkey*. Volume 2. Publicado pela Universidade de Cambridge, 1976. 8 p.
- LANDAU**, Jacob M. Landau. *Atatürk and the Modernization of Turkey*. Publicado por Westview Boulder, Colorado, 1984. 25–45 p.
- LAQUEUR**, Walter Laqueur. *Os últimos dias da Europa – Epitáfio para um velho continente*. Editora Lexikon, 2007. 32, 38, 39, 41, 42, 45, 60, 62, 63, 68, 74, 166, 191 e 192 p.

MEIRA, Carlos de Meira Matos. *Geopolítica e Modernidade*. Editora Ponto da Leitura, 2002. 13 p.

MODARRESI, Mohammad Taqi al-Modarresi. *The Laws of Islam*. Editora Paper Back, 2016. 10-12p.

WEBSTER, Donald Everett Webster *The Turkey of Atatürk -Process in the Turkish Reformation*. Monografia publicada pela American Academy Of Political And Social Science. No. 3, 1973. 24 p.

——. AL JAZEERA – Maior rede de televisão do mundo árabe-muçumano. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WCGYKSEsYFM>, vídeo divulgado pela rede de televisão Al Jazeera. Acesso em 17 de maio de 2018.

——. BBC NEWS – Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-11559451> - Acesso em 02/07/2018.

____. DEUTSCHE WELLE (DW) - empresa pública de rádio Alemã que entre outras coisas, disponibiliza um amplo portal de conteúdo de pesquisa online. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/a-saga-dos-turcos-na-alemanha/a-542993>. Acesso em 08/06/2018.

____. DICIONÁRIO PRIBERAM – No sentido figurado, local onde uma minoria está do separada resto da sociedade. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/gueto>. Acesso em 11/07/2018.

____. GLOBO (G1) – Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/alemanha-estabelece-normas-para-integracao-dos-imigrantes.html> - Acesso em 02/07/2018.

____. International Journal of Environmental Science and Development, Vol. 1, No. 2, June 2010. Disponível em: <http://www.ijesd.org/papers/29-D438.pdf>. Acesso em 12/07/2108.

____. IQARA ISLAM - Um madhhab é uma escola de lei islâmica e cada madhhab é baseado numa metodologia sistemática de interpretar o Alcorão e a Sunna profética. Seguir um madhhab é um meio de se seguir o Alcorão e a Sunna de uma maneira confiável, sistemática e sustentável. Disponível em <http://iqaraislam.com/como-escolher-uma-escola-de-jurisprudencia-madhhab-e-por-que/>. Acesso em 02 de junho de 2018.

____. MIGRATION POLICY INSTITUTE (MPI) – trata-se de um “thinktank” baseado em Washington D. C. fundado em 2001 que conduz pesquisas, entre outros assuntos, em gerência de migração e integração e assentamento de imigrantes. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/new-reality-germany-adapts-its-role-major-migrant-magnet>. Acesso em 18/06/2018.

——. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DA TURQUIA. Disponível em: www.meb.gov.tr. 2002. Acesso em 20/05/2018.

____. PEW RESEARCH CENTER - é um centro de informações americano, apartidário e sediado em Washington, o qual fornece informações sobre questões sociais, opinião pública e tendências demográficas que moldam os Estados Unidos e o mundo. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2013/04/30/the-worlds-muslims-religion-politics-society-exec/> - Acesso em 17 de maio de 2018.

____. REDFIELD, Robert Redfield, Ralph Linton and Melville Herskovits. *Memorandum for the Study of Acculturation*, 1936. 149. p. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1525/aa.1936.38.1.02a00330>. Acesso em 10/06/2018.

____. REVISTA EXAME – Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/fenomeno-mundial-do-jornalismo-televisivo-al-jazeera/>. Acesso em 05 de junho de 2018.